

Boa tarde.

Portugal é hoje palco de dois Congressos que se realizam praticamente ao mesmo tempo e sobre os quais se aplica o tão célebre contraditório. Enquanto um discute a preservação das traves mestras de Abril, o outro canta de galo as estratégias para a destruição das mesmas com a irónica cumplicidade do Presidente da República, o mesmo que em tempos idos ajudou a construir o edifício que agora se apressa a exterminar. Por isso, Jorge Sampaio ficará para a história não apenas como o pior Presidente da Segunda República, mas sobretudo como o homem que traiu os seus eleitores, condenou o futuro das novas gerações e reduziu a Presidência da República ao papel decorativo numa incontornável harmonia com o actual sistema.

Se não vejamos: este sistema português chamado de democracia permite às pessoas decidirem sobre o que lhes diz respeito, esta democracia faculta pelo voto e pela intervenção cívica a possibilidade de se construir uma sociedade justa e equilibrada? Os políticos, os tais que se apresentam como mansos e puros cordeiros quando pedem a nossa confiança e o aval para disporem e resolverem as nossas vidas são gente capaz de cumprir os ideais que dizem defender?

Se a resposta for sim então estaremos a reforçar a lama que nos atola. Em meu entender esta democracia não existe para resolver nenhum problema com os quais nos debatemos, esta democracia é aquela ditadura tal como aquela ditadura já era esta democracia.

As únicas grandes e substanciais diferenças entre ditadura e democracia são tão só estas. O que aquela imponha pela força esta consegue por arditos caminhos; o que aquela mostrava sem pejo nem decoro esta esconde e disfarça com exímia perfeição; o que aquela nos negava, esta finge dar-nos, porque embora dando impede o seu uso; o que aquela dizia que não era nosso, esta diz o oposto tudo nos atribuindo para que nunca a responsabilizemos pelos contínuos insucessos em que caímos.

Por acaso saberemos hoje melhor do que sabíamos ontem como vai ser o dia de amanhã? Acaso os nossos gritos ou gestos permitidos e até cinicamente incentivados resolvem mais do que o silêncio manietado de ontem? Mandamos hoje mais na nossa vida e no nosso futuro?

Ou não será verdade que o grande segredo desta democracia é apenas nos dar a ilusão de que podemos decidir para depois nos dizerem quando choramos as desfeitas que apenas decidimos mal, que tudo é culpa nossa porque nós é que pusemos os que lá estão.

Não é isso que nos dizem? E não é isso que acontece sempre, ano após anos, governo após governo, década após década?

Entretanto, hoje como ontem, eles continuam onde sempre estiveram, fazendo o que sempre fizeram, mandando o que sempre mandaram, determinando o que sempre determinaram, manipulando o que sempre manipularam, batendo e matando como sempre bateram e mataram. E acaso o medo, a fome, o desemprego, a raiva, a doença, a chibata ou a morte são coisas más em ditadura e boas ou suportáveis em democracia? Haverá duas injustiças ou duas fomes? Ou dois frios ou duas dores? Ou dois desesperos, os bons e os maus?

O que acham destes democratas decidirem para si próprios o que para nós insistentemente negam? O que acham do facto destes democratas terem um ou vários empregos certos e muito bem remunerados e ainda porque os mandamos de mandar na coisa pública dela se servirem garantindo para si próprios um óptimo presente e um radioso futuro.

E entretanto o que nos pedem? Sacrifícios, sacrifícios. E o que nos dão? Tenho vergonha de falar do que nos dão, se aceitamos como dádiva ou como fatalidade então temos o que merecemos. Portagens na Ponte 25 de Abril que penalizam a população mais pobre do país nas suas deslocações para trabalhar e estudar; comboio da Fertagus com o tarifário mais elevado preço-quilómetro em relação às outras três linhas suburbanas da área metropolitana da Grande Lisboa, o que portanto remete os utentes para uma cidadania de segunda; SCUT's portajadas, o indisfarçável frete a um sector económico acabada a chupeta dos estádios; aumento do preço dos transportes que é ao mesmo tempo chamar-nos estúpidos porque o pretexto é o aumento dos combustíveis; taxas moderadoras agravadas nos serviços de saúde; propinas o que as pretextam e o que elas acabam por financiar; novo Código do Trabalho, velha política de esvaziar de direitos dos trabalhadores; nova Lei do Arrendamento que vai pôr na rua milhares de pessoas, encerrar pequenas empresas e aumentar a bolsa do desemprego; envio de tropas para o Iraque em defesa da política criminoso e de rapina dos EUA e suportada pelos cofres de Estado português; impedimento dos cidadãos de participarem na vida pública e fazerem-se ouvir na e através da comunicação social; perseguição e ameaças a quem se manifesta pública e civicamente, tornando-se apenas a cidadania pretexto para os mesmos, sempre os mesmos, terem visibilidade; administrações de empresas de comunicação social com atitudes persecutórias em relação aos funcionários, vivendo-se dentro destas empresas dias de terror silenciado pelos *media*; destruição do meio ambiente.

Vou terminar com uma citação que vale a pena reter e repensar de Veladimir Romano: “Quando os problemas de uma sociedade passam a número de décadas pelo desfiladeiro do adiamento, perigosamente começam a esgotar ou a adiar soluções que podem complicar severamente a vida de um país sem se vislumbrar reformas, que são essenciais para a segurança e disposição realizadora das pessoas.”